

O filósofo e a cultura: a filosofia entre a ciência e a arte

Alexander Gonçalves*

Resumo: Tendo em vista os escritos nietzschianos póstumos, redigidos entre os anos de 1872 e 73, o escopo deste artigo consiste em investigar o lugar e o papel do filósofo na cultura. Analisaremos em que medida Nietzsche pensou a natureza do trabalho filosófico e a complexa relação que a filosofia estabelece com a ciência e com a arte. No que diz respeito aos seus fins edificantes, a filosofia se afasta dos objetivos da ciência, qual seria a produção de conhecimento puro, e se aproxima da meta edificante da arte.

Palavras-chave: Filósofo, cultura, filosofia, ciência, arte.

* Professor da UENP, Universidade Estadual do Norte do Paraná, Jacarezinho, PR, Brasil.

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-6433-0047>

Correio eletrônico: alexandermano@hotmail.com

Entre os anos de 1872 e 1873, após a publicação de *O nascimento da tragédia*, Nietzsche redige uma extensa série de notas destinadas a analisar a relação entre a filosofia e a cultura. Como na primeira obra, o horizonte do pensamento nietzschiano continua sendo a Grécia antiga, porém, em contraste com o que foi apresentado no primeiro livro, nestes escritos o jovem filólogo procura reavaliar o privilégio que outrora havia concedido à arte em detrimento da ciência no que tange o processo de construção da cultura grega, o que o leva a repensar a função e o lugar da filosofia nesta cultura¹. Neste sentido, Nietzsche se põe a investigar a natureza do trabalho filosófico e a complexa relação que a filosofia estabelece com a ciência e com a arte, pois, se por um lado é ciência, a filosofia não é completamente arte; se de algum modo é arte, ela não pode ser uma ciência pura².

Numa anotação póstuma dos cadernos do inverno de 1872-1873, Nietzsche escreve: “Não é possível fundar uma cultura popular [*Volkskultur*] sobre a filosofia. Assim, a filosofia nunca pode ter, em relação com uma cultura [*Kultur*], uma importância fundamental, mas unicamente uma importância secundária. Qual é?” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 23[14], KSA 7.439)³. Em outro fragmento do mesmo período, lê-se: “A filosofia *não é para o povo* e, portanto, *não é base*

1 Nesta época, o contato com *A história do materialismo* de Friedrich Albert Lange parece ter despertado no jovem filólogo o apreço pelas ciências naturais e pelas filosofias positivistas, ao mesmo tempo em que o fez refutar a metafísica, inclusive a de Schopenhauer, passando a considerar dela apenas o valor edificante de uma “poesia conceitual”. Esta guinada científica viria também a dissipar as convicções da metafísica de artista de procedência wagneriana, conforme proclamada em seu primeiro livro, e, segundo D'Iorio, atendia ao interesse do jovem Nietzsche de pensar o seu próprio lugar, como filósofo, em meio à futura cultura de *Bayreuth*. D'Iorio escreve: “Os fragmentos póstumos deste período procuram definir a função do gênio filosófico no seio da comunidade grega; isto é – traduzido numa linguagem contemporânea – de definir a posição de Nietzsche no seio da futura *Kultur* (cultura) de *Bayreuth*. Uma *Kultur* mais e mais distante dos projetos de juventude de Wagner e bem diferente da comunidade de discípulos que, no ano anterior, teria participado da colocação da primeira pedra do teatro de *Bayreuth*” (D'Iorio, 1994, p. 14).

2 Sobre a constituição ao mesmo tempo científica e artística da filosofia, cf. Nachlass/FP 19[62], KSA 7.439 e Nachlass/FP 23[8], KSA 7.540.

3 Quando não indicado o tradutor, fica subentendido que as traduções são de nossa responsabilidade.

de uma cultura [Kultur], por conseguinte, é apenas um instrumento [Werkzeug] de uma cultura [Kultur]” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 23[45], KSA 7.558)⁴. A afirmação nietzschiana de que a filosofia, por não ser destinada para o povo, ocupa um lugar secundário em relação à cultura vista apenas como um instrumento a serviço de uma cultura, o que leva o homem a indagar sobre a natureza deste lugar, bem como o papel do filósofo no âmbito da cultura. Não obstante, é necessário que se compreenda previamente o que a filosofia é.

Em linhas gerais, a concepção de filosofia que é apresentada nos escritos póstumos de 1872 e 1873 é de inspiração grega. O contato com os filósofos antigos, de modo particular os pré-socráticos, foi determinante para que Nietzsche elaborasse sua compreensão da filosofia como algo heterogêneo. A filosofia pré-socrática se apresenta, para o jovem Nietzsche, como uma pluralidade de interesses e perspectivas filosóficas distintas, sistemas e teorias filosóficas que ora se mostram próximos, ora, contraditórios⁵. Tal complexidade faz da filosofia um importante instrumento para a cultura dos gregos na medida em que se constitui como um obstáculo ao dogmatismo rigoroso. No seguinte fragmento póstumo, Nietzsche esboça o modo de atuação da filosofia em relação à cultura grega em quatro pontos, cada um relacionado a um filósofo ou grupo de filósofos:

Domesticação do mítico. – Reforçar o sentido da verdade frente à poesia livre. *Vis veritatis*, ou fortalecer o conhecimento puro [Tales, Demócrito, Parmênides].

Domesticação do instinto do saber – ou reforçar o místico-mítico, o artístico [Heráclito, Empédocles, Anaximandro]. Legislação do *grande*.

4 Sobre a relação do filósofo com o povo, *cf.* Nachlass/FP 1872 – 1874, 23[14, 19].

5 Em suas *Lições sobre os filósofos pré-platônicos*, Nietzsche refutou a ideia tradicionalmente aceita em sua época de que a cronologia dos filósofos pré-socráticos poderia ser estipulada a partir de uma série de Διαδοχαί, ou seja, de que é possível se organizar os filósofos em escolas e relacioná-los uns aos outros conforme uma ideia de sucessão entre mestre e discípulo. Contra esta ideia, o filósofo alemão propõe a tese de que a cronologia dos filósofos é “confirmada por sistemas” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 23[41], KSA 7.557). Sobre a interpretação nietzschiana da cronologia dos filósofos pré-socráticos, *cf.* F. Fronterotta, 1994.

Destruição do dogmatismo rigoroso: a) na religião b) costumes c) ciência. Tendência *cética*.

Toda força [religião, mito, instinto de saber], quando é excessiva, tem efeitos bárbaros, imorais e embrutecedores, como domínio rígido [Sócrates]. *Destruição da cega secularização* [substituição da religião]. (Anaxágoras, Péricles). Tendência *mística* (Nachlass/FP 1872 – 1874, 23[14], KSA 7.439).

A despeito da pluralidade dos sistemas, Nietzsche concebe toda a filosofia pré-socrática sob a perspectiva de um jogo entre duas forças antagônicas: a arte e a ciência. Assim, com Tales, Demócrito e Parmênides, a filosofia grega atuava de modo a reprimir o poder imagético do mito a partir de uma abordagem naturalista (Tales e Demócrito) e lógica (Parmênides), isto é, científica do *cosmos*. Por outro lado, sistemas filosóficos como o de Heráclito, Empédocles e Anaximandro produziam uma força contrária, de tendência artística e que atuava de modo a reprimir o instinto de saber do homem da ciência com o mito, instinto que posteriormente iria se assenhorar da filosofia com Sócrates.

No ambiente agonístico, ora científico ora artístico da filosofia pré-socrática, nenhuma das forças tende a se tornar excessiva e, por conseguinte, tirânica, fato que interdita o dogmatismo rigoroso e seus efeitos bárbaros sobre a cultura. Daí a afirmação nietzschiana de que, embora a filosofia não tenha uma importância fundamental para a cultura, uma vez que não se dirige ao povo, ainda assim ela possui um determinado valor [*Werth*]⁶ na medida em que se impõe, ao mesmo tempo: “a) contra o dogmatismo das ciências; b) contra a confusão de imagens das religiões míticas na natureza; c) contra a confusão ética devido às religiões” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 23[45], KSA 7.558). Essencialmente antidogmática, a filosofia não pode criar uma cultura, logo, afirma Nietzsche, resta ao filósofo apenas a tarefa de “prepará-la; ou conservá-la; ou moderá-la” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 23[14], KSA 7.439). Mas como pode

6 Sobre o valor da filosofia para a cultura, Cf. Nachlass/FP – 1872 – 1874, 23[10], KSA 7.541.

a filosofia cumprir o papel ambíguo de ser ora um instrumento científico e esclarecedor, ora um instrumento artístico a serviço do mito?

“Na filosofia”, afirma Nietzsche, “não há um elemento comum, ora é ciência, ora arte” (Nachlass/FP1872 – 1874, 23[8], KSA 7.540). Com efeito, o caráter não dogmático da filosofia está relacionado com a sua capacidade de atuar tanto como ciência quanto como arte, de modo que o que determinará a sua forma será o seu fim. Nietzsche escreve: “*A essência [Wesen] da filosofia está de acordo com o seu fim*” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 23[45], KSA 7.558). Como um instrumento da cultura, sua finalidade deve ser consoante às necessidades da mesma. Dessa maneira, se for necessário, a filosofia se constituirá como ciência ao impedir que o dogmatismo religioso predomine numa determinada época – eis que surgem os sistemas de Tales, Demócrito e Parmênides. Caso contrário, ela se constituirá como arte e investirá contra o dogmatismo científico – é o momento de Heráclito, Empédocles e Anaximandro. Mas, se a filosofia é capaz de se moldar às necessidades da cultura é justo indagar em que medida possui uma existência em si mesma.

Para Nietzsche, a filosofia não existe em si mesma e, deste modo, pode assumir formas distintas de acordo com as necessidades da cultura, característica que faz dela um precioso instrumento para a sua preparação e preservação. Num fragmento póstumo do inverno de 1872-1873, Nietzsche escreve: “A existência de elementos preservadores que lutam durante um tempo. A filosofia, que não tem de modo algum existência em si mesma, é parte destes elementos. Colorida e preenchida conforme a época” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 23[9], KSA 7.541). É por este motivo que a filosofia pode se apresentar entre os gregos da forma que se apresentou, ora como ciência ora como arte. Sem existência em si mesma, em que consiste a filosofia afinal?

Num fragmento póstumo destinado ao “livro do filósofo” [*Philosophenbuch*]⁷, Nietzsche demonstra certa perplexidade diante da constituição ambígua da filosofia: “Grande embaraço, se a filosofia é uma arte ou uma ciência. É uma arte em seus fins e em sua produção. Mas ela tem em comum com a ciência o meio, a representação em conceitos. É uma forma de arte poética. – Não se pode classificá-la: por isso devemos inventar uma nova espécie e caracterizá-la”. (Nachlass/FP – 1872 – 1874, 19[62], KSA 7.439). Como um tipo híbrido, a filosofia se constitui tanto como uma ciência quanto como arte, “é uma forma de arte poética”. Contudo, sem ser estritamente nem uma coisa e nem outra, ela se torna inclassificável e carente de uma nova espécie para caracterizá-la. Para isso, Nietzsche recorrerá a Lange e à sua caracterização da filosofia como poesia conceitual, bem como do filósofo como um poeta dos conceitos⁸.

7 Dentre os póstumos redigidos nos anos de 1872 e 1873 encontram-se um grupo de notas destinadas à realização de um dos projetos inacabados de Nietzsche, o *Livro do filósofo* [*Philosophenbuch*]. Embora tal empresa não tenha sido levada a termo, as anotações destinadas ao *Livro* acabaram sendo utilizadas em importantes escritos de sua produção juvenil. Tais notas compõem todo o grupo dezoito de fragmentos póstumos e, dispondo de uma grande diversidade temática, estes fragmentos serviram de base para a redação de importantes escritos deste período, como a série das quatro *considerações extemporâneas*, *A filosofia na época trágica dos gregos* e *Sobre a verdade e mentira no sentido extramoral*, bem como para a preparação de cursos, como é o caso das lições sobre os *filósofos pré-platônicos*.

8 A designação do filósofo como um poeta dos conceitos e da filosofia como poesia conceitual é uma herança que o jovem Nietzsche recebe da teoria da linguagem de Friedrich A. Lange. Segundo Crawford, a concepção poética da linguagem, conforme exposta na teoria langeana da linguagem, exercerá uma forte influência sobre o jovem Nietzsche no que diz respeito às suas considerações acerca da relação entre a linguagem e a verdade. Crawford escreve: “Embora a linguagem não represente a verdade, ainda é uma necessidade básica para a preservação das espécies e, como tal, somos constringidos a operar dentro de suas limitações. Em sua insistência de que a linguagem e a filosofia, até mesmo a ciência, em última análise, são imagens úteis, expressão poética, o que leva em direção ao ideal, Lange abre a possibilidade de um uso da linguagem figurativa, que teve uma grande influência sobre Nietzsche” (Claudia Crawford, 1988, p. 85). Para Paolo D’Iorio (1994, p.35), Nietzsche utiliza a concepção langeana de poesia conceitual como um aporte teórico para a sua concepção do filósofo como criador de mitos para a construção e manutenção da cultura. D’Iorio escreve: “Ainda uma vez, Nietzsche faz apelo à concepção langeana do filósofo como poeta dos conceitos e tenta aproximar arte e filosofia enquanto forças produtoras de mitos indispensáveis para o surgimento de uma *Kultur*” (D’Iorio, 1994, p.35). Sobre a influência de Lange na teoria da linguagem do jovem Nietzsche cf. Claudia Crawford, 1988. Sobre a concepção nietzschiana de filosofia como poesia conceitual; cf. D’Iorio, 1994.

Não obstante, tal definição traz mais problemas do que soluções, pois como conceber a ideia de uma poética conceitual sem negligenciar as diferenças que se interpõem entre a linguagem conceitual da ciência e da filosofia e a linguagem imagética da poesia? Em linhas gerais, a definição langeana da filosofia como poesia conceitual está assentada na ideia da constituição poética da linguagem, o que significa que, para Lange, a linguagem se revela como uma proliferação de imagens que, a despeito de sua natureza estética se mostram úteis ao homem e à vida. Tal concepção vem ao encontro dos anseios teóricos do jovem Nietzsche que entende todas as formas discursivas, por conseguinte a filosofia e a ciência, como constitutivamente poéticas.

Volta-se, então, à distinção que o jovem Nietzsche faz entre a filosofia e a ciência, na qual afirma que tais discursos estão próximos no que tange os seus meios, isto é, sua natureza conceitual, porém, no que diz respeito à sua forma e aos seus fins a filosofia se distancia da ciência para se aproximar da arte⁹. Ora, se o discurso filosófico e o científico se utilizam dos mesmos meios, os conceitos, como compreender a divergência entre a sua forma e os seus fins? E em que sentido a forma e o fim do discurso filosófico estão próximos da arte? Ora, é o posicionamento diante da verdade e do conhecimento o que determina a finalidade do discurso, e esta, por sua vez, determinará a sua forma, o seu estilo.

O homem do conhecimento [*vernünftige Mensch*], segundo Nietzsche, trabalha com a finalidade de produzir conhecimentos puros e verdadeiros, pois se encontra amparado em crenças vulgares: primeiramente, a crença de que existem coisas; em segundo lugar, a de que se pode conhecê-las e, finalmente, a de que se pode designá-las a partir de signos logicamente adequados, como visto nos conceitos. Deste modo, a superação da multiplicidade das representações pela unidade abstrata do conceito é o que torna possível o procedimento

⁹ Nos referimos a Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[62], KSA 7.439.

classificatório e generalizador sob o qual opera a ciência. Nietzsche escreve: “*Fazer caso omissivo do individual nos proporciona o conceito e com ele começa nosso conhecimento: com a classificação, com a formação de gêneros*” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[236], KSA 7.493).

Se o conceito é o ponto de partida para a produção de conhecimento puro e de verdades científicas; e se em sua origem ele é uma metáfora e jamais um signo que se encontra numa referência direta com a essência da coisa, qual é então o estatuto da verdade científica? Desprovida de fundamento ontológico, lógico ou epistemológico, a verdade científica, para Nietzsche, é uma tautologia que resulta da visada antropomórfica que o investigador dirige às coisas. Em *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, Nietzsche escreve:

Se forjo a definição de animal mamífero e em seguida declaro, depois de inspecionar um camelo: “vejam, um animal mamífero”, com isso decerto uma verdade é trazida a luz, mas ela é de valor limitado, quero dizer, é cabalmente antropomórfica e não contém um único ponto que seja “verdadeiro em si”, efetivo e universalmente válido, sem levar em conta o homem. O pesquisador dessas verdades procura, no fundo, apenas a metamorfose do mundo em homem, luta por um entendimento do mundo como uma coisa à semelhança do homem e conquista, no melhor dos casos, o sentimento de sua assimilação [...] Seu procedimento consiste em tomar o homem por medida de todas as coisas: no que, porém, parte do erro de acreditar que tem essas coisas imediatamente como objetos puros diante de si. Esquece, pois, as metáforas intuitivas de origem, como metáforas, e as toma pelas coisas mesmas (VM §1, KSA 1.875).¹⁰

Logo, a crença na existência de coisas passíveis de serem conhecidas e designadas revela o plano linguístico referencialista sobre o qual o homem da ciência constrói o seu discurso, bem como o caráter antropomórfico da sua concepção de verdade.

Enquanto se opõe ao método da ciência, a filosofia é apresentada por Nietzsche a partir de três pontos essenciais que são: “1. Convencida

10 Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho.

do antropomorfismo é cética; 2. Tem caráter seletivo e grandeza [*Größe*]; 3. Altaneira, abarca as coisas sob a ideia de unidade (...)" (Nachlass/FP 1872 – 1874, 23[45], KSA 7.558). No que diz respeito ao seu caráter cético, pode-se afirmar que o criticismo kantiano é sem dúvida o ponto de partida do ceticismo epistemológico a partir do qual o jovem Nietzsche identifica um ponto de inflexão no modo de se fazer filosofia. A impossibilidade de conhecer a coisa-em-si, enfim, de acessar a verdade, destitui o filósofo do compromisso com a produção de conhecimento puro e verdadeiro. Entretanto, o filósofo autêntico é o que reconhece esse momento como ponto de partida para o seu filosofar¹¹.

Embora Nietzsche afirme que, ao filósofo iniciado na doutrina kantiana, não resta outra atitude em relação à verdade em si senão a cética, o ceticismo não pode ser a meta da filosofia. Numa nota póstuma, o filósofo escreve: “Aqui há de se criar um conceito: pois o ceticismo não é a meta” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[35], KSA 7.427). O ceticismo, portanto, é o caminho através do qual a filosofia procura alcançar o seu propósito, logo é algo a ser superado: “Neste ceticismo nada pode viver [...] Nós devemos transcender este ceticismo, temos que esquecê-lo!” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[125], KSA 7.459). Desfeita a ilusão da verdade, o filósofo nietzschiano já não crê na possibilidade da linguagem como correspondência entre os signos e as coisas, entre o conceito e a verdade, doravante, resta ao filósofo a tarefa de criar conceitos e, por conseguinte, de criar verdades. Portanto, no que diz respeito aos seus fins, a filosofia se afasta da meta meramente especulativa da ciência para aproximar dos desígnios da arte.

¹¹ Para Nietzsche, Schopenhauer é um exemplo deste filósofo autêntico. Em sua *Terceira Extemporânea*, investigando as circunstâncias sob a qual aparece Schopenhauer, Nietzsche escreve: “Este foi o primeiro perigo cuja sombra cresceu Schopenhauer: o isolamento. O segundo se chama: o desespero da verdade. Este perigo acompanha todo pensador que segue seu caminho a partir da filosofia kantiana, pressupondo que seja um ser humano vigoroso e inteiro no sofrer e apetecer, e não uma ruidosa máquina de pensar e calcular” (SE/Co. Ext. III, §3, KSA 1.350).

Em oposição ao modo dogmático de operar da ciência, que crê na correspondência entre o conceito e a verdade, a verdade filosófica surge como a construção artística de uma visão de mundo [*Weltanschauung*], daí por que a meta da filosofia se aproxima mais da arte do que da ciência. Distante dos desígnios da ciência, isto é, da tarefa de enunciar conhecimentos puros e verdadeiros, o filósofo nietzschiano deve se voltar para a tarefa poética da criação conceitual visando a construção de mundo [*Weltkonstruktion*]. Em notas ao *Livro do filósofo*, Nietzsche descreve a natureza do filósofo nos seguintes termos: “A descrição da natureza do filósofo. Ele conhece poetizando, e poetiza conhecendo” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[62], KSA 7.439). No que diz respeito ao discurso filosófico, verdade e conhecimento são consequências do ato de poetizar, pois é poetizando que o filósofo cria e, ao mesmo tempo, conhece a verdade sobre a qual poetiza. Mas como se dá este processo de construção poética da verdade na filosofia? E, uma vez que não se destina ao conhecimento puro, qual é a meta da filosofia? E em que medida se aproxima da arte?

Segundo Nietzsche, “O filósofo é uma autorrevelação do atelier [*Werkstätte*] da natureza – filósofo e artista falam dos segredos artísticos da natureza” (Nachlass/FP 1869 – 1874, 19[17], KSA 7.423). Conforme afirmado, o surgimento de um filósofo ou de um artista não é consequência do acaso e tampouco depende dos anseios e esforços de um sujeito que, mais que tudo, deseja se tornar um artista ou um filósofo. Em linhas gerais, eles são eventos necessários da natureza, representações do Uno-Primordial que carregam em si o *telos* da natureza. Em suas obras, nomeadamente a filosofia e a arte, representam os desígnios secretos da natureza e por isso são designados pelo filósofo alemão como gênios (*Genius*) da espécie. Entendido como meta suprema da natureza que deseja efetivar-se na aparência prazenteira, gênio filosófico e gênio artístico, em suas representações, revelam os desígnios secretos da natureza.

Contudo, as representações do gênio filosófico e do gênio artístico extrapolam o âmbito da mera aparência ao se concretizar no modo de vida de um povo e ao se inscrever em sua *praxis*. No entanto, ainda que o gênio seja necessário para o povo, ele não é um produto da vontade do povo. Num dos fragmentos iniciais do *Livro do filósofo*, Nietzsche escreve: “Se há de mostrar como toda a vida de um povo reflete, de uma maneira impura e confusa, a imagem oferecida por seus gênios maiores: estes não são produtos da massa, mas a massa mostra sua repercussão” (Nachlass/FP 1869 – 1874, 19[1], KSA 7.417). É o gênio quem modela o povo ao instituir através de suas representações as normas, os costumes e hábitos, numa palavra, o *ethos* deste povo: “Também as forças éticas de uma nação se manifestam em seus gênios” (Nachlass/FP 1869 – 1874, 19[1], KSA 7.417).

É notória a aproximação estabelecida entre a filosofia e a arte, produções que, na ótica do jovem Nietzsche, podem se reunir e até mesmo coincidir no que se refere a sua forma e finalidade edificante: “a uma boa altura tudo se reúne e coincide – as ideias do filósofo, as obras do artista e as boas ações” (Nachlass/FP 1869 – 1874, 19[1], KSA 7.417). Esta reunião, ademais, esta coincidência, revela o complexo fundo ao mesmo tempo estético e ético sobre o qual Nietzsche forja o seu conceito de filósofo, de inspiração eminentemente grega: “No mundo esplendido da arte – como filosofam eles!¹² (...) Seu juízo *sobre a existência diz mais*, porque tem ante si a plenitude relativa e todos os véus e ilusões da arte” (Nachlass/FP 1869 – 1874, 19[5], KSA 7.417).

Criadores de mundo, os filósofos pré-socráticos ultrapassam o plano do puro conhecimento teórico e científico da realidade na medida em que, de um ponto de vista estético, os seus sistemas filosóficos se revelam como construções de mundo que imprimem uma verdade e um sentido ético para a existência humana. O filósofo, em última análise, é necessário para o mundo, embora o mundo

¹²Aqui, Nietzsche alude aos filósofos gregos antigos, especificamente aos filósofos pré-socráticos.

não seja uma necessidade para o filósofo. Mas como compreender a relação entre a arte e filosofia? Ao partir da premissa de que “a uma boa altura tudo (arte, filosofia e moral) se reúne e coincide”, pode-se concluir que tudo se identifica?

Não obstante a proximidade entre a filosofia e a arte, não se pode afirmar que há uma identidade entre estes conceitos, o que pode ser observado quando se leva em conta as distintas atribuições que Nietzsche confere ao filósofo e ao artista: “O filósofo deve *conhecer o que se necessita* e o artista deve *criá-lo*” (Nachlass/FP – 1872 – 1874, 19[23], KSA 7.423). Inspirado nos filósofos pré-socráticos, o filósofo nietzschiano “deve sentir de maneira mais intensa a dor universal: da mesma maneira que cada um dos antigos filósofos gregos expressam uma necessidade: aí, nesta falha, introduz o seu sistema. Constrói o seu mundo dentro dessa falha” (Nachlass/FP – 1872 – 1874, 19[23], KSA 7.423). A despeito da relação ambígua que o filósofo guarda com o artista, Nietzsche não deixa dúvidas sobre as competências de cada um, isto é, ao filósofo cabe o conhecimento das necessidades e ao artista a criação daquilo que se necessita.

Contudo, o impulso do conhecimento e o da criação pode se reunir e coincidir num mesmo indivíduo – como é o caso dos filósofos pré-socráticos – quando se forma um novo tipo de filósofo, o que Nietzsche designa por artista-filósofo: “eu posso imaginar uma espécie completamente nova de *artista-filósofo* [*Philosophen-Künstlers*], o qual introduza naquele vazio uma *obra de arte*, como valor estético” (Nachlass/FP 1869 – 1874, 19[39], KSA 7.431). Inspirado nestes filósofos pré-platônicos, o jovem Nietzsche estabelece um tipo de relação agonística¹³ com a época trágica grega que acaba por influenciar decisivamente o modo de pensar a filosofia e o filósofo de seu tempo.

¹³ No que concerne a esta afirmação, estamos de acordo com o argumento que Paolo D'Iorio apresenta em *O nascimento da filosofia*, texto introdutório à tradução francesa das lições nietzschianas sobre *Os filósofos pré-platônicos*. Segundo este comentador, repetindo uma metodologia já utilizada em *O nascimento da tragédia*, as lições nietzschianas sobre os filósofos pré-platônicos são frutos de uma relação agonística e paradigmática com o passado. D'Iorio escreve: “Nietzsche lança um olhar moderno

Resultado da relação entre o impulso criador e o do conhecimento, a filosofia, para Nietzsche, constitui-se em estreita relação tanto com a ciência quanto com a arte. Acerca da natureza desta relação, Nietzsche escreve: “Como se relaciona o gênio filosófico com a arte? Pouco há que aprender da relação direta. Devemos perguntar: o que é arte em sua filosofia? Obra de arte? O que é que *fica* quando seu sistema é destruído como ciência? Não obstante, isso que permanece deve ser precisamente aquilo que *reprime* o impulso de saber, por conseguinte o artístico de uma filosofia” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[45], KSA 7.433).

Dessa perspectiva, ainda que um sistema filosófico seja refutado enquanto ciência, de um ponto de vista estético ele perdura no tempo. À guisa de exemplo, podemos afirmar que é impróprio invalidar o atomismo de Demócrito ainda que, avaliado nos parâmetros da física atual, sua teoria seja desprovida de qualquer valor científico. O que confere validade eterna à filosofia, portanto, não é a presença *da* verdade em seu discurso, mas da construção artística de uma verdade. Em resumo, se Demócrito pode construir uma verdade enquanto uma visão de mundo atemporal foi porque neste filósofo o impulso do saber foi domesticado pelo artístico. Chega-se, portanto, à segunda característica da filosofia, a capacidade seletiva e a capacidade para o grande [*Größe*].

Com efeito, o impulso artístico, no filósofo, tende a inibir e dominar o do conhecimento [*Erkenntnißtrieb*]: “O conteúdo da arte coincide com o da filosofia antiga, mas vemos utilizadas como filosofia as partes *isoladas* constitutivas da arte, para *reprimir o impulso do conhecimento*” (Nachlass/FP 1869 – 1874, 19[41], KSA

sobre a antiguidade e observa o mundo contemporâneo com o olhar grego. A contaminação entre a filologia e as teorias estéticas wagnerianas engendraram o ‘centauro’ *Nascimento da tragédia* onde Ésquilo e Richard Wagner, a *Kultur* de Bayreuth e a cultura grega, se esclarecem reciprocamente. Desta vez, Nietzsche procura pôr em contato os fragmentos do pensamento pré-platônico com um conjunto de doutrinas e de correntes filosóficas (e científicas) de sua época. Nos dois casos, o estudo do passado assume um valor agonístico e paradigmático face ao presente” (D’Iorio, 1994, p.17).

7.432). A rigor, a atuação desse impulso estético permite ao filósofo distinguir e selecionar aquilo que merece ser conhecido, o que faz da filosofia um tipo de conhecimento elevado: “Agora nos foi dada uma forma superior de vida, um transfundo artístico – também agora a consequência imediata é um impulso de conhecimento seletivo, isto é, a *filosofia*” (Nachlass/FP 1869 – 1874, 19[21], KSA 7.422). Distinta da ciência, cujo impulso do conhecimento se lança, sem critério ou meta, sobre qualquer coisa que possa ser conhecida, a filosofia pode selecionar aquilo que conhece.

A capacidade seletiva é o que está na base da distinção nietzschiana entre filosofia e ciência, ou seja, entre *sophia* e *episteme*: “σοφία e ἐπιστήμη. A σοφία contém em si o seletivo, o que possui gosto: enquanto a ciência, que carece de semelhante gosto refinado, se lança sobre tudo o que é digno de ser sabido” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[86], KSA 7.448). O filósofo, designado aqui como σοφός (*sophos*), possui o impulso cognoscitivo seletivo e moderado, tem o gosto apurado¹⁴ e, dessa forma, não lhe apetece o conhecimento desesperado e sem meta. No que tange o homem da ciência, “sem essa discriminação e esse refinamento do gosto, precipita-se sobre tudo o que é possível saber, na cega avidez de querer conhecer a todo preço” (PHG/FT §3, KSA 1.813).

É certo que o filósofo e o homem da ciência atuam a partir do mesmo impulso do conhecimento, o que faz com que a filosofia e a ciência pensem do mesmo modo: “Não existe *nenhuma filosofia especial, separada da ciência: em um caso como em outro se pensa do mesmo modo*” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[76], KSA 7.444). Quando Nietzsche afirma ser a capacidade seletiva o que distingue a

14 É importante notar que, de um ponto de vista semântico o termo “filosofia” provavelmente não existia na época dos pré-platônicos com o sentido que veio a assumir a partir dos escritos de Platão. Daí o destaque que Nietzsche confere a outro termo, mais antigo e vigente já na época de Tales: *sophos*. Em *A filosofia na época trágica dos gregos*, Nietzsche escreve: “A palavra grega que designa o “sábio” prende-se etimologicamente a *sapio*, eu saboreio, *sapiens*, o degustador, *sisyphos*, o homem do gosto mais apurado; um apurado degustar e escolher, um significativo discernimento constitui, pois, segundo a consciência do povo, a arte própria do filósofo” (PHG/FT §3, KSA 1.813).

filosofia da ciência, o filósofo alemão se refere ao poder que a filosofia tem de eleger aquilo que é digno de ser conhecido, isto é, de tratar de assuntos grandes: “O pensamento filosófico é especificamente da mesma natureza que o pensamento científico, mas se refere a coisas e a assuntos grandes” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[83], KSA 7.447). Esta capacidade da filosofia de selecionar os assuntos grandes só é possível quando se inibe e seleciona o impulso do conhecimento. Mas em que consiste o conceito nietzschiano de grande?

“O conceito de grande”, afirma Nietzsche, “é, não obstante, um conceito variável, em parte estético, em parte moral. É uma *repressão* do impulso de conhecimento. Nisso reside seu significado para a cultura” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[83], KSA 7.447). O que está em jogo, no limite, é a possibilidade de que, através do seu impulso artístico o filósofo possa reprimir o impulso do conhecimento e sua vontade desenfreada de saber enquanto o orienta para os fins elevados da existência, isto é, aqueles que contribuam de alguma forma para a vida: “O valor da filosofia nesta repressão não está na esfera cognitiva, mas na esfera da vida (...)” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[45], KSA 7.433).

Inspirado nos filósofos gregos, Nietzsche aposta na arte como único meio de refrear a ciência de seu tempo: “A *domesticação da ciência* se consegue agora somente através da *arte*. Se trata de juízos de *valor* sobre o saber e a erudição” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[36], KSA 7.428). Nesta lógica, o ataque que o jovem Nietzsche empreende ao cientificismo dominante na Alemanha moderna não tem por objetivo a aniquilação da ciência, mas sim o seu controle e submissão à filosofia: “não se trata de destruir a ciência, mas de *dominá-la*” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[24], KSA 7.424). Desse modo, assim como no passado o saber científico foi um instrumento necessário e eficaz para reprimir a fé e o dogmatismo religioso, o homem moderno necessita da arte para refrear o impulso cognoscitivo desmedido e fortalecer os seus impulsos éticos e estéticos: “A história

e as ciências naturais foram necessárias frente à idade média: o saber frente à fé. Nós dirigimos hoje a *arte* contra o saber: volta à vida! Repressão do impulso do conhecimento! Fortalecimento dos instintos morais e estéticos!” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[38], KSA 7.430).

Nesta acepção, é o impulso artístico o que permite ao filósofo dominar e direcionar o *pathos* da verdade, isto é, o seu impulso à verdade para as necessidades da vida. Assim, a filosofia, na perspectiva do jovem Nietzsche, deve ser um conhecimento controlado e dirigido para assuntos grandes, de modo especial àqueles que dizem respeito à formação estética e moral do homem. Quando isso não acontece, ou seja, quando o impulso do conhecimento não é controlado, a filosofia se reduz a um conhecimento sem critério e sem meta como o conhecimento científico, cuja principal característica é o anseio desenfreado pelo saber: “O filósofo do *conhecimento desesperado* se consumará em uma ciência cega: o saber a todo custo” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[38], KSA 7.430). Segundo Nietzsche, o impulso de conhecimento indiscriminado e desmedido, como o da ciência, é “um sinal de que a vida envelheceu (...)” (Nachlass/FP 1869 – 1874, 19[21], KSA 7.422).

Dessa maneira, enquanto na ciência o *pathos* da verdade resulta numa busca cega e improfícua *da* verdade, no filósofo esse sentimento produz outra relação com a verdade. Neste, graças à intervenção do impulso artístico, o *pathos* da verdade se revela num desejo profundo de, através da arte, dar à luz uma verdade eterna. É neste sentido que o filósofo alemão escreve: “lutar por uma verdade e lutar *pela* verdade são coisas completamente distintas” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[106], KSA 7.454). O desejo de criar uma verdade permanente é uma tarefa completamente distinta da de buscar incessantemente *a* verdade. Sobre essa nova tarefa do filósofo, Nietzsche escreve: “O filósofo busca também agora, no âmbito em que dominam as religiões, o ‘efetivo’ [*Wirkliche*], o que *permanece*, no sentimento do eterno jogo mítico da mentira. Ele quer uma verdade que *permaneça*. Para tanto,

estende a novos âmbitos a necessidade de convenções sólidas de verdade” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[230], KSA 7.492).

Tal como o mito e a religião, a filosofia também anseia por uma verdade que permaneça no tempo, que não está à espera do filósofo e por isso tem de ser forjada por si mesmo no jogo constante com a ilusão e a mentira. Não é a aniquilação da verdade o que o filósofo pretende, mas sua reconstrução sobre uma nova base, a arte. Inicia-se, então, a terceira característica da filosofia anunciada por Nietzsche: a maneira de abarcar a multiplicidade das coisas sob a ideia de unidade.

Em *Sobre o pathos da verdade*, escrito póstumo redigido no ano de 1872, Nietzsche apresenta o problema da verdade em conexão com o problema da cultura [*Kultur*]¹⁵. Para Nietzsche, é a partir de um impulso artístico que o filósofo, num momento de iluminação, domina a multiplicidade do vir-a-ser e cria um mundo como uma totalidade: “Estes são os momentos das iluminações repentinas, nas que o homem estende seu braço numa atitude imperativa como na criação do mundo, retirando luz de si mesmo e irradiando-a ao seu redor” (CV/CP *Sobre o pathos da verdade* §1, KSA 1.755). O mundo criado pelo filósofo é uma verdade que ilumina e enobrece os sentimentos estéticos e morais do homem, logo, uma verdade que o filósofo considera digna de ser eternizada: “Em seguida, ele – o filósofo – rompeu com a feliz certeza de que não se pode privar a posteridade de que aquilo que lhe havia elevado e arrebatado até o mais distante, ou seja, à altura deste sentimento único (CV/CP *Sobre o pathos da verdade* §1, KSA 1.755).

15 *Sobre o pathos da verdade* é o primeiro dos *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*, escrito póstumo dedicado e enviado a Cosima Wagner que o receberá com certo receio, afirmando que, a despeito dos sentimentos profundos ali expressados, o texto se apresenta como uma “busca torpe”. Em uma anotação de seu *Diário* de 3 de janeiro, Cosima Wagner escreve: “O manuscrito do Pr. N. tampouco alegria nosso espírito; agora se expressa em ocasiões com uma torpe busca, contudo são sempre sentimentos de uma grande profundidade. Desejaríamos que ele se ocupasse principalmente de temas gregos”. Os temas apresentados em *Sobre o pathos da verdade* são temas que serão tratados por Nietzsche em escritos posteriores, como o problema da verdade como correspondência em *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral* e o problema da cultura [*Kultur*] nas *Extemporâneas*.

Frente à multiplicidade do vir-a-ser, o homem necessita crer em uma verdade que permaneça. Por isso, o homem necessita do filósofo, pois tem necessidade eterna da verdade. Nietzsche escreve: “Posto que o mundo necessita eternamente da verdade, tem a eterna necessidade de Heráclito, ainda que Heráclito não necessite do mundo” (CV/CP *Sobre o pathos da verdade* §1, KSA 1.755). Como legítimo construtor de mundo, o filósofo é o portador da verdade: “O filósofo tem a verdade; a roda do tempo pode rodar até onde queira, mas nunca poderá escapar da verdade” (CV/CP *Sobre o pathos da verdade* §1, KSA 1.755).

Destarte, a busca por uma verdade eterna impele o homem a eternizar o momento grande e único de claridade que só o filósofo lhe proporciona, enquanto exige que se conserve essa verdade única que o eleva. Segundo Nietzsche, o imperativo do homem moral diz: “o que existiu *uma vez* para perpetuar de uma maneira mais bela o conceito de ‘homem’, deve também subsistir eternamente” (CV/CP *Sobre o pathos da verdade* §1, KSA 1.755). O filósofo surge como uma garantia do futuro da humanidade uma vez que, como afirma Nietzsche, “a humanidade necessita dele para o futuro” (CV/CP *Sobre o pathos da verdade* §1, KSA 1.755). O grande [*Größe*] momento criado por ele, sua própria filosofia, é o que permanece sobre o desaparecer e perecer de todas as coisas, pois através desta verdade eterna o presente é anelado ao passado e ao futuro. Num fragmento dedicado ao *Livro do filósofo*, Nietzsche escreve: “A filosofia tem que se manter firme através dos séculos nos *altos cumes do espírito*: e reter neles a fecundidade eterna de tudo o que é grande” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[33], KSA 7.426).

Com o passar dos séculos, a filosofia se constituiu como um instrumento valioso da cultura [*Kultur*]¹⁶. Nietzsche escreve: “A

16 Em uma anotação para o *Livro do filósofo*, Nietzsche assume como sua tarefa “compreender o íntimo nexa e a necessidade de toda verdadeira cultura. O remédio protetor e terapêutico de uma cultura, a relação da mesma com o *gênio* do povo” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[33], KSA 7.426).

ideia fundamental de cultura é que os grandes momentos formem uma cadeia, que eles, como uma cordilheira de montanhas, unam a humanidade através de milênios, que para mim o maior de uma época passada seja também grande (*Größe*) (...)” (CV/CP *Sobre o pathos da verdade* §1, KSA 1.755). Dessa maneira, o grande é aquilo que não está susceptível à temporalidade e, por conseguinte, a eternidade é a essência do conceito nietzschiano de grandeza. A exigência da humanidade para que se eternize o momento grande é o início da luta da cultura: “Com a exigência de que a grandeza deve ser eterna, se inicia a terrível luta da cultura” (CV/CP *Sobre o pathos da verdade* §1, KSA 1.755).

Na medida em que imprime o selo do grande no passado, no presente e no futuro, o filósofo é capaz de reduzir a pluralidade das ações humanas a uma unidade coesa, de modo que aquilo considerado como grande se eternize em cada manifestação do homem quando a eleva moralmente. Para Nietzsche, o filósofo opera como um legislador da grandeza, isto é, um nomeador das coisas: “‘isso é grande’ diz o filósofo, e com isso eleva o homem. Começa com a legislação da moral: ‘isso é grande’ (...)” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[33], KSA 7.426). Legisladores do grande, os filósofos são homens raros e exemplares, os que “deixam atrás de si *uma* doutrina, segundo a qual esta existência é vivida da maneira mais bela por aquele que não lhe dá muita importância” (CV/CP *Sobre o pathos da verdade* §1, KSA 1.755).

Sendo assim, ainda que o jovem Nietzsche não atribua à filosofia uma importância fundamental para a cultura, é incontestável que a considere como um valioso instrumento para a sua preparação¹⁷, pois, ao criarem visões de mundo grandes e eternas, os filósofos fornecem os subsídios necessários para a realização da cultura. Em um póstumo do inverno de 1872-1873, o filósofo escreve: “A cultura só pode partir da significação central de uma arte ou de uma obra

17 Cf. Nachlass/FP 1872 – 1874, 23[14], KSA 7.544

de arte. A filosofia preparará involuntariamente a visão de mundo dessa obra de arte” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 23[14], KSA 7.544). E em passagens do *Livro do filósofo*, afirma: “A consequência de todo mundo artístico grande é uma cultura” (Nachlass/FP 1872 – 1874, 19[33], KSA 7.426). Nesta acepção, pode-se afirmar que é somente através da criação artística que a cultura, como unidade de estilo artístico em todas as manifestações da vida de um povo¹⁸, pode ser instituída. Não obstante, é somente através da visão de mundo criada pelo filósofo que o artista pode conceber a tal obra. Em suma, no que diz respeito aos seus fins edificantes, a filosofia se afasta dos objetivos da ciência, qual seria a produção de conhecimento puro, e se aproxima da meta edificante da arte na medida em que, tal como ela, encontra-se a serviço da cultura.

18 Esta definição nietzschiana de cultura encontra-se expressa na sua *primeira extemporânea*. Cf. DS/Co I § 2.

The Philosopher and the Culture: The Philosophy Between Science and Art

Abstract: In view of the posthumous Nietzschean writings, written between the years 1872 and 73, the scope of this paper is to investigate the place and function of philosopher in culture. We will analyze to what extent Nietzsche thought the nature of philosophical framework and the complex relation that philosophy establishes with science and with art. Regarding its edifying purposes, philosophy departs from the aims of science, which is the production of pure knowledge, and goes towards the uplifting goal of art.

Keywords: Philosopher, Culture, Philosophy, Science, Art.

Referências

NIETZSCHE, F. W. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Hg. G. Colli e M. Montinari. Berlin: Walter de Gruyter, 1980, 15v.

_____. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 2000. (Os pensadores).

_____. *Les philosophes préplatoniciens*. Trad. Olivier Sedeyn. Combas: éditions de l'éclat, 1994.

CRAWFORD, C. *The beginnings of Nietzsche's theory of language*. New York: de Gruyter, 1998.

D'IORIO, Paolo. La naissance de la philosophie enfantée par l'esprit scientifique. In: NIETZSCHE, F. *Les philosophes préplatoniciens*. Trad. Olivier Sedeyn. Combas: éditions de l'éclat, 1994, pp 11-49.

FRONTEROTTA, F. *Chronologia philosophorum*. In: NIETZSCHE, F. *Les philosophes préplatoniciens*. Trad. Olivier Sedeyn. Combas: éditions de l'éclat, 1994, pp 51-72.

Artigo recebido para publicação em 15/08/2018

Artigo aceito para publicação em 28/01/2019